

CONHECIMENTO E USO DE MÉTODOS CONTRACEPTIVOS POR UNIVERSITÁRIOS DA ÁREA DE SAÚDE

Larissa de Oliveira Seabra (Discente, ICV), Inez Sampaio Nery (Orientadora, Departamento de Enfermagem, CCS/UFPI), Fabrício Henning Barbosa Moreira (Colaborador), Jackson dos Santos Rocha (Colaborador)

Introdução

O Planejamento Familiar é um direito que engloba os direitos sexuais e reprodutivos de cada indivíduo. A efetividade das suas ações depende do acesso a informações que possibilitem ao indivíduo condições de realizar escolhas conscientes a partir da sua realidade. Nesse contexto, a anticoncepção adquire papel fundamental e seu uso de forma inadequada pode acarretar em diversos agravos à saúde da mulher, tais como gravidez indesejada, gravidez na adolescência, abortamentos ilegais e até aumento na mortalidade materna (SOUZA, 2006). Ao negligenciarem a prática da contracepção e de prevenção às doenças sexualmente transmissíveis, as pessoas sexualmente ativas podem se expor ao HIV/Aids e às demais doenças sexualmente transmissíveis. Dessa forma, espera-se que estudantes da área de saúde, assim como os profissionais já formados na área estejam aptos a informar, educar e esclarecer a população quanto aos Métodos Anticoncepcionais - MACs. (ARAÚJO, 2009). Diante da problemática dos aspectos abordados, é possível observar a necessidade de estudos que visem à utilização e informação sobre os MACs entre estudantes e profissionais da área de saúde. Este trabalho teve como objetivo: analisar o conhecimento e uso de métodos contraceptivos por acadêmicos dos cursos de Medicina e Enfermagem – bacharelado, da Universidade Federal do Piauí - UFPI, Campus Ministro Petrônio Portela, localizado em Teresina-PI; identificar se os acadêmicos que possuem vida sexual ativa fazem uso de MACs, quais os MACs mais utilizados, estabelecer os fatores que influenciam no processo de escolha por esses acadêmicos e qual o grau de conhecimentos dos mesmos sobre os MACs.

Metodologia

Este é um estudo descritivo com metodologia quantitativa, realizado no Centro de Ciências da Saúde (CCS) da UFPI, onde a população foi composta por acadêmicos dos cursos de medicina e enfermagem – bacharelado da UFPI, com tamanho amostral total de 283 acadêmicos. O instrumento escolhido para coleta de dados foi um questionário autoaplicável e semiestruturado, cujas variáveis investigadas incluíam o perfil sócio demográfico; uso, preferências e conhecimento referente à MACs. Os dados foram digitados com a utilização do *software Excel 2010* e posteriormente importados para o *software Statistical Package for the Social Science (SPSS)* versão 18.0. Foi realizada análise descritiva a partir dos percentuais das categorias de respostas das variáveis e análise inferencial da variável numérica.

Resultados e Discussão

A população do estudo totalizava 283 universitários com prevalência de participantes do sexo feminino (56,5%) na população amostral. Os estudantes do Curso de Enfermagem correspondiam a 58,3% (n=165) dos estudantes participantes da pesquisa, os outros 41,7% (n=118)

cursavam medicina. Os estudantes apresentavam faixa etária predominante de 18 a 21 anos, correspondendo a 56,5% da amostra, enquanto que 43,5% da população amostral possuíam idade superior a 21 anos, sendo a média de 21,7 e idade mínima e máxima identificadas 18 e 48 anos, respectivamente.

A totalidade dos entrevistados no estudo relatou possuir algum conhecimento sobre MACs. Entretanto, apesar de a totalidade relatar algum conhecimento, existia uma diferença estatística quanto ao conhecimento sobre cada método em particular, sendo a camisinha masculina (99,6%) e o anticoncepcional oral (96,5%) os mais citados. Essa elevada porcentagem de conhecimento sobre o preservativo masculino também poderia ser justificado, em parte, pelas campanhas de combate e prevenção às DST/Aids, que são muito veiculadas em praticamente todos os meios de comunicação.

Em relação à forma pela qual adquiriram esse conhecimento, a maioria dos entrevistados relatou que foi por meio de palestras/escola (89,7%) ou através de meios de comunicação (73,9%) e artigos/folhetos informativos (61,1%). Familiares (24,3%) e namorado/parceiro (13,7%) foram menos citados. Os dados sugerem que estes estudantes tendem a buscar uma fonte de informação mais especializada do que a parentes ou parceiros.

Em relação ao uso de MACs, praticamente todos os estudantes entrevistados, que haviam iniciado vida sexual (n=178), referiram o uso de algum método (n=177), entretanto observou-se uma pequena variação entre os métodos utilizados com maior frequência, os quais se reduzem praticamente à camisinha masculina e ao anticoncepcional oral, usados separadamente (48,8% e 21% respectivamente) ou combinados (6,3%) o que pode significar um cuidado maior com a contracepção e a prevenção das doenças sexualmente transmissíveis. Sendo que a facilidade e praticidade foram os motivos que mais influenciaram nessa escolha.

Acerca da pílula do dia seguinte, 69,9% responderam que não consideravam esse método como abortivo, enquanto 24,8% acreditavam que sim e 5,3% não sabiam (Tabela 03). Esses dados são semelhantes aos encontrados por Silva *et al.* (2010) onde dos 581 alunos pesquisados, 35,6% a consideravam como um método que induz o aborto. Isso demonstra que a maioria da amostra tinha informação correta sobre o método, porém uma parcela considerável não mostrava conhecimento adequado, pois está estabelecido que a anticoncepção de emergência não traz riscos à saúde, não causa infertilidade, não provoca sangramento ou alterações significativas no padrão menstrual, não interrompem gravidez estabelecida e, se usada na vigência de gestação, não é teratogênica (SANFILIPPO; DOWNING, 2008).

A análise dos dados referentes aos anticoncepcionais orais combinados (AOC) mostra que apenas metade dos universitários entrevistados tem conhecimento adequado em relação ao esquecimento dos comprimidos, função dos AOC e funcionalidade após sexo desprotegido (Tabela 05), o que pode refletir potenciais falhas nas políticas de saúde reprodutiva e sexual vigentes no Brasil, seja no setor saúde, seja no setor educacional (SOUSA; GOMES, 2009). Mais preocupante, especificamente, é o conhecimento sobre o retorno da fertilidade após a interrupção do uso dos AOC, uma informação importante que todo estudante de curso de saúde deveria ter em mente: 70,3% não sabiam a resposta correta.

Uma importante percentagem dos estudantes não ter o conhecimento adequado sobre os temas é um fator preocupante, pois estes alunos deveriam estar aptos para informar, educar e esclarecer adequadamente a população.

Conclusão

O presente estudo evidenciou que alguns estudantes da área de saúde, apesar de terem todo acesso a informações vastas acerca dos MACs e relatarem conhecimento sobre estes, revelam conceitos equivocados, podendo-se concluir que existem lacunas nas ações de saúde e educação voltadas para a vida sexual e reprodutiva dos jovens, sendo necessária, dessa forma, a implementação de estratégias que permitam a esses jovens graduandos conscientizarem-se sobre a importância do conhecimento e uso correto dos MACs.

Apoio: Universidade Federal do Piauí.

Referências:

ARAUJO, J.R.; PINTO, M.F. Percepções dos profissionais de enfermagem sobre as ações de educação em saúde no planejamento familiar. *In: Anais do VII Congresso Brasileiro De Enfermagem Obstétrica E Neonatal*; 2009, Teresina – Brasil.

SANFILIPPO, J.; DOWNING, D. Emergency contraception: when and how to use it. **J Fam Pract**; 57 (2 Suppl):S25-36; 2008.

SILVA, F. C. *et al* . Diferenças regionais de conhecimento, opinião e uso de contraceptivo de emergência entre universitários brasileiros de cursos da área de saúde. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 26, n. 9, Set. 2010.

SOUZA, J.M.M. *et al*. Utilização de métodos contraceptivos entre as usuárias da rede pública de saúde do município de Maringá-PR. **Rev. Bras. Ginecol. Obstet.**, v.28, n.5, p. 271-277; 2006.

SOUSA, M. C. R. de; GOMES, K. R. O. Conhecimento objetivo e percebido sobre contraceptivos hormonais orais entre adolescentes com antecedentes gestacionais. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 3, p. 645-654; Mar. 2009.

Palavras Chave: Conhecimento; Anticoncepção; Enfermagem.